

À beira-rio.

À beira-rio.

Dizem que os criminosos voltam sempre ao local do crime, talvez precise de inventar ou cometer um *a posteriori*, há quantos anos desaguou, imóvel, com o Douro? Tantos que seria fácil anunciar duelo entre mim e o banco pomposamente baptizado de Observatório de Aves, “onde cresceu mais a ferrugem, em homem ou metal?” (Seria desonesto apostar em mim?) Na outra margem, o arvoredo não poderia inscrever-se em tal concurso, não enferrujou, morreu e não por suicídio, cortaram-lhe ramos, troncos e pescoço em nome do progresso, mais um condomínio não deve tardar. Sinto-lhe a falta. Gostava do cume de palacete que escoltava, havia um certo mistério naquela casa agasalhada pela Natureza, agora exhibe uma nudez igual às outras — avessa a qualquer exercício da imaginação.

À minha esquerda o esgoto foi tratado, mas nem por isso as aves abundam, talvez uma reputação nauseabunda morra devagar; com as recordações acontece o mesmo, boas ou más, é a sua força a garantir-lhes a longevidade. Ao longe as pontes, Ballester fez delas o cartão-de-visita do Porto numa trilogia que não revisito há muito; a Afurada, as suas gentes correram o risco de entregar os achaques nas mãos e dúvidas de um miúdo de vinte e poucos anos que nem sequer levantara a Carta de Curso, destinada, de resto, a perecer num incêndio universitário (o simbolismo de tal desaparecimento não deixou de me divertir — fui licenciado em Medi-

cina, mas médico...); a marginal até ao Passeio Alegre, palco de caminhadas terapêuticas enfastiadas, de vez em quando interrompidas por um riso vindo de automóvel espreguiçado ao sol, “então, doutor, na rádio e aqui ao mesmo tempo?”; o farol e os pescadores, o peixe nunca me interessou, mas as conversas sim, há muito tempo, quando ainda não sonhava em tornar-me um ouvindo profissional.

Divago. Não admira, pensar os afectos é complicado. Os neurologistas emprestaram a sua respeitabilidade aos psiquiatras e transformaram uma chaveta a preto-e-branco num abraço eterno — razão e emoção funcionam em conjunto. Logo, pensamos “afectuosamente” os afectos. Tal omnipresença permite acalantar a esperança de uma análise lúcida? Dobrar tarefa e ambição, debruçando-me sobre duas pessoas, faz o mesmo à hipótese de erro. Que alternativas tenho? Nenhuma. Pelo menos simplificar a equação, poupando nos adjectivos, são jogos de sombras.

Vejamos: mulher parte; homem fica. Sem a certeza do que se passa nas suas cabeças, que fazer? Vestir de imediato o luto, na esperança de em breve o aliviar? Parece razoável, sou oficialmente velho e reformado, a sageza — em teoria chegada por arrasto... — aconselha política de redução de danos, prevenção de recaídas e amores calmos, que não perturbem os amigos, discos e livros de que falava a Elis.

Estou disponível para isso, por obra e graça de nódoas negras passadas ou epifania burocrática pela mão do BI? Podia invocar o louco de Alcácer Quibir e dizer que lutos sim, mas devagar, até à libertação em manhã de sol e alma escancarados, mas estaria a mentir. Não tenciono espojar-me no luto, erotizá-lo, tornar-lhe a ruminação defesa contra vida plena e ameaças inerentes. Se tiver de o navegar, aceito vento da época e manejo os remos sem pestanejar, por exaustos que estejam os braços. A cabeça pena, o corpo grita, não o aprendi em livros de texto.

Se... E palavra anémica traz outras pela mão: quando e porquê? Resigno-me a vestir de negro a esperança baseado em silêncios longos, discussões explosivas, olhos esquivos, mãos exiladas, corações blindados? (Poupar nos adjectivos, dizia eu...) Preciso de

pensar maduramente sobre paixão com muito de adolescente, talvez por isso tão fascinante para quem envelhece a passos largos e anos curtos. Mas os pensamentos são como nuvens em dia de tempestade, assumem as formas mais diversas e nelas não moram muito tempo, debruço-me sobre eles e encontro-lhes a espuma, são damas de honor brincalhonas dessa noiva *taquineuse* que é a lucidez. Junta-se-lhes a falta de hábito de pensar *a cappella*; sem ela. Que possuía o raro talento de emoldurar este caos, que crismo de associação livre para não lhe admitir as parecenças com um *puzzle*, cujas peças se afobam, numa busca de harmonia que avança ao ritmo da capa de Penélope, mas sem a sua astúcia, de comum entre nós apenas a espera.

Fixar o pensamento na escrita. Por respeito e amor, não no granito da minha cidade, mas em papéis e ecrãs, amonto-os ou faça *save*, importante é regressar a eles, depositá-los nos pratos da balança, estudar-lhes os recortes contra o pano de fundo da relação, escolher entre o sublinhado e o *delete*, apertar a malha, definir o alvo antes de armar o arco; meditar.

Sorriso. Encolho os ombros. Deixo a beira-rio. Rilke escreveu: “Basta sentir que se poderia viver sem escrever para já não se ter o direito de fazê-lo.” García Márquez repetiu-o, no registo mais doce e compreensivo que era o seu. Posso viver sem escrita. Na realidade, prefiro desenhar as letras da vida ao vivo, embora a minha professora primária se indignasse com gatafunhos avessos às fronteiras das linhas do caderno. Não fui mais bem-sucedido na difícil e laboriosa arte da caligrafia afectiva.

Mas agora estou entre a pena e a parede e não hesito — é tempo de (nos) escrever.

Maria,

Nem discursos opostos ao dia soalheiro; nem bandeiras às quais não fazer o pino chega para adejar ufano; nem mecânicas saudações, que a fila é extensa; nem varandas que melhor seria transformar em marquises de vidro duplo, pois na rua há quem não se demita de pedir demissões; nada. E digo-o com alívio... Mas aqui em Cantelães, como na minha infância, atenta à incorrecção factual de Pai solenemente risonho, aqui o 5 de Outubro continua a ser feriado nacional, imune a gula política ou compreensão eclesiástica; granítico, como o velho Afonso. Singelo também. Apenas eu e a Mila, que exhibe literal fidelidade canina, fitamos a árvore em silêncio. Porque os chavões não acrescentam nada a amor e saudade e “feliz aniversário, Mãe” belisca nostalgia megalómana — mesmo enroscada na sua paixão de cinquenta anos para a eternidade, o sorriso, que Espírito Santo e Diabo procuram sem sucesso imitar — por lhes garantir assinalável aumento de eficácia... —, “o” sorriso, de que terra e céu serão moldura e lábios, apenas brilhará quando me juntar a eles.

Dorme bem. Amo-vos.

Maria,
Emprestas-me o teu Pai?

Pronto, quem cala consente! A pergunta não te chegou a mãos e olhos? Objecção indeferida, tu afirmavas ler-me o pensamento, quem se orgulha de tal façanha não a renega a coberto de uns poucos milhares de quilómetros. E, sabes, eu preciso do sim como de pão para a alma, é quase meia-noite e a escuridão lá fora anuncia alvorada triste, triste. Fosse teu o Dia, e dias houve em que eram todos!, e estaria a enviar-te uma SMS do outro lado da cama, “ver debaixo da almofada”, o teu riso estralejava, sempre achei que o desmaio dele seria a nossa morte. Mas não é teu, apesar de ser, a escrita, mesmo não enviada, faz prova de vida do amor, que não garante a reforma e sim a sua ausência, deixemos isso, a imagem é de mau gosto num país de muito corte e pouca costura.

Dia do Pai. E os meus vivem em Cantelães, a Primavera desperta, nas cinzas deles já se espreguiçam as flores, eu fiz o contrário, adormeci, sombrio, ao sol a pino; inconformado. E inconformado permaneço — quero voz amiga, conselho sábio, silêncio cúmplice, homem feito e não adolescente envelhecido como eu. Olha, dou umas voltas ao quarteirão, até ele descer para dois dedos de conversa com os amigos, cinco lhe estendo eu, declaro o automóvel no bate-chapas do outro lado do jardim. E será verdade, negras para sarar não lhe faltam, trato-as hoje, visita de médico lhe proponho a ver os estragos, no regresso amaino o passo tanto, tanto, que seria capricho óbvio não nos sentarmos, missão cumprida.